



ESPECIAL



Líderes da Assessoria Financeira

A CRISE PODE SER OPORTUNIDADE PARA REPENSAR O NEGÓCIO?

Os sectores da energia, das renováveis, do imobiliário, da saúde e da tecnologia dominaram nas maiores operações de assessoria financeira no ano que agora chega ao fim. Até outubro o mercado transaccional português registou 371 operações, com um valor total de 9,7 mil milhões de euros. As operações transfronteiriças (cross-border) dominaram e vão continuar a dominar em 2023.

ANÁLISE

Energia, imobiliário e IT dão gás ao sector em Portugal ■ P2

NEGÓCIOS

Operações de assessoria financeira que marcaram 2022 ■ P4

JE TALKS

João Nunes
Assistant Manager da Moneris

Prioridade deve ser “análise, gestão e mitigação de risco” ■ P5



FÓRUM

Quais foram os negócios de assessoria financeira mais expressivos de 2022 e o que espera para 2023? ■ P6

Especial Líderes da Assessoria Financeira



ASSESSORIA FINANCEIRA

Energia, imobiliário e IT dão gás à assessoria financeira em Portugal

As operações transfronteiriças (cross-border) dominaram o mercado da assessoria financeira no ano que agora chega ao fim. E deverão continuar a dominar em 2023.

MARIA TEIXEIRA ALVES
mtalves@medianove.com

O mercado de serviços de assessoria financeira está inevitavelmente ligado ao mercado transaccional e as suas tendências, por sua vez, estão muito relacionadas com a conjuntura económica, com as preocupações relacionadas com a sustentabilidade e com o investimento estrangeiro e no estrangeiro.

O relatório mais recente de M&A (fusões e aquisições) da Transactional Track Record (TTR) revela que o mercado transaccional português registou, até outubro, um total de 371 operações, com valor total de 9,7 mil milhões, no qual 47% do total das transações possuem os valores revelados.

Em termos sectoriais, o sector de Real Estate foi o mais ativo até outubro, com 81 transações, seguido pelo sector de Internet, Software & IT Services, com 57 operações.

Ainda de acordo com o mais recente relatório do TTR, feito em colaboração com a Intralinks, os

números de outubro deste ano representam uma diminuição de 21% no número de transações em comparação ao mesmo período de 2021, bem como uma queda de 42% do capital mobilizado. Sendo que em outubro, foram registadas 33 fusões e aquisições, entre anunciadas e encerradas, e um valor total de 421,28 milhões de euros.

As operações transfronteiriças (cross-border) dominam o mercado da assessoria financeira em 2022 e deverão continuar a dominar em 2023. Aqui, e quanto ao número de transações até outubro, Espanha foi o país que mais investiu em Portugal, contabilizando 38 transações. Em segundo lugar está a França, com 26 operações. Já as empresas portuguesas escolheram a Espanha e a Alemanha como principal destino de investimento, com 16 e oito transações, respectivamente. As empresas norte-americanas diminuíram em 45% as suas aquisições no mercado português, até outubro de 2022. Enquanto as aquisições estrangeiras no sector de Tecnologia e Internet

diminuíram em 8% em comparação ao mesmo período de 2021.

Em relação aos fundos estrangeiros de Private Equity e Venture Capital que investem em empresas portuguesas, houve um crescimento de 29% no período, segundo o relatório da TTR.

As operações transfronteiriças põem o negócio da assessoria financeira, essencialmente, nas mãos de *players* internacionais. Para um *advisor* local as oportunidades acabam por se resumir ao “*sell-side*” e não tanto ao “*buy-side*”, como explica ao JE um especialista em banca de investimento.

Ranking dos assessores

No ranking de assessores financeiros por número de transações lidera o CFI - Corporate Finance International Portugal, com três operações. Já em valor, lideram em 2022 o JP Morgan Chase e o Seale & Associates, contabilizando 652,99 milhões, respectivamente. Os dados são do relatório mais recente de M&A da TTR.

Este ano, segundo fontes do mercado, um dos sectores que demonstrou maior dinâmica de M&A foi o tecnológico e digital, o que demonstra a crescente convicção dos investidores de que a disrupção tecnológica será um factor de criação de valor no futuro.

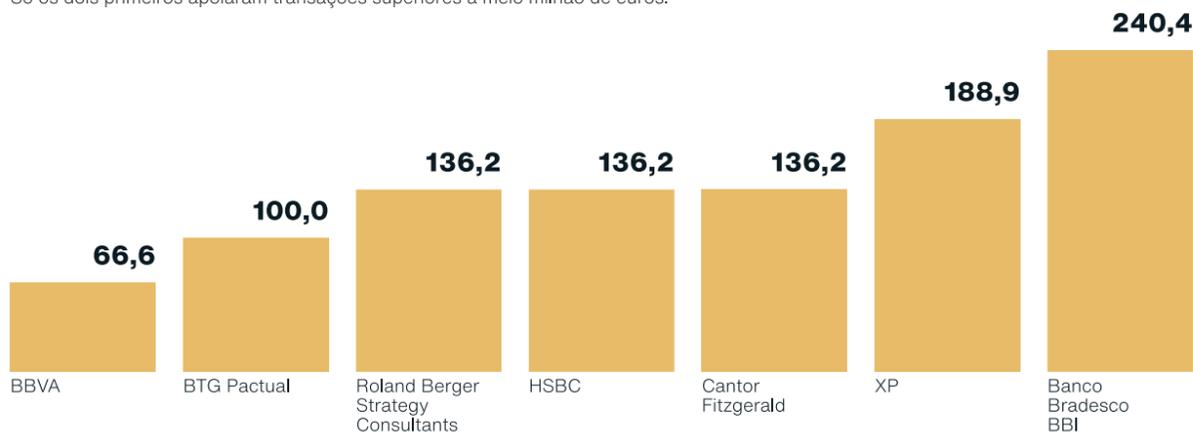
O sector das infraestruturas também tem estado na agenda. Para já não falar do sector do imobiliário, tendo 2022 assistido a algumas grandes operações, como a venda dos ativos da ECS à DK Partners, a venda da sede do Novobanco à Merlin Properties e, mais recentemente, a venda desencadeada pela VIC Properties dos seus três ativos imobiliários em Portugal e que conta com a assessoria financeira da Alantra.

Também o sector das energias renováveis, nas suas variadas vertentes, tem assistido a uma forte atividade de M&A, associada à transição energética que tem vindo a consolidar-se um pouco por todo o mundo. A tendência de 2022 prolongar-se-á por 2023, ou seja, a estruturação de financiamentos “verdes”; a assessoria a fusões e aquisições, nomeada-

CONSULTORAS E BANCA DE INVESTIMENTO

CFI E JP MORGAN NO TOPO DAS ASSESSORIAS ATÉ OUTUBRO

A consultora financeira CFI Portugal e os bancos de investimento norte-americanos JP Morgan Chase e Seale & Associates lideraram o ‘ranking’ de assessorias financeiras a negócios de fusões e aquisições, ‘private equity’, capital de risco e compra de ativos em Portugal até ao passado mês de outubro, de acordo com o diretório internacional TTR - Transactional Track Record. Só os dois primeiros apoiaram transações superiores a meio milhão de euros.



Fonte: Transactional Track Record (TTR) - Iberian Market October 2022

mente em sectores chave para um mundo mais digital e mais focado em preocupações ESG (environmental, social, and corporate governance). As operações relacionadas com o sector imobiliário também continuarão a marcar a agenda da assessoria financeira.

O mercado de assessoria financeira não é alheio ao facto de, nos últimos anos, termos visto como as empresas portuguesas mais inovadoras têm sido capazes de angariar capital junto de investidores internacionais. O crescimento significativo da atividade de M&A associada à entrada de investidores financeiros no mercado português (tanto fundos de private equity como fundos de pensões e infraestruturas) e ao forte crescimento do negócio imobiliário em Portugal, enquadram o mercado da assessoria financeira.

As áreas de *Private Equity*, *Venture Capital* e *Asset Acquisitions* são destacadas no relatório da TTR, e até outubro, foram contabilizadas 33 transações de *Private Equity*, num total de 2,7 mil milhões. Houve uma diminuição de 10% no número de operações em comparação ao mesmo período de 2021.

Em *Venture Capital*, foram realizadas 83 rondas de investimentos e um total de 913 milhões de euros representando uma diminuição de 12% no número de transações.

Já no segmento de *Asset Acquisitions*, foram registadas 95 transações com um valor de 2,8 mil milhões, representando uma queda de 4% no número de operações.

Para 2023 o Programa Consolidar com co-financiamento público, promete marcar a agenda do *private equity* e capital de risco. Foram escolhidas 14 sociedades para gerirem fundos de capital de risco destinados a investimento na capitalização de PME e Mid Caps, no âmbito do Programa Consolidar, do Fundo de Capitalização e Resiliência (FdCR), gerido pelo Banco Português de Fomento e criado no contexto do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) nacional.

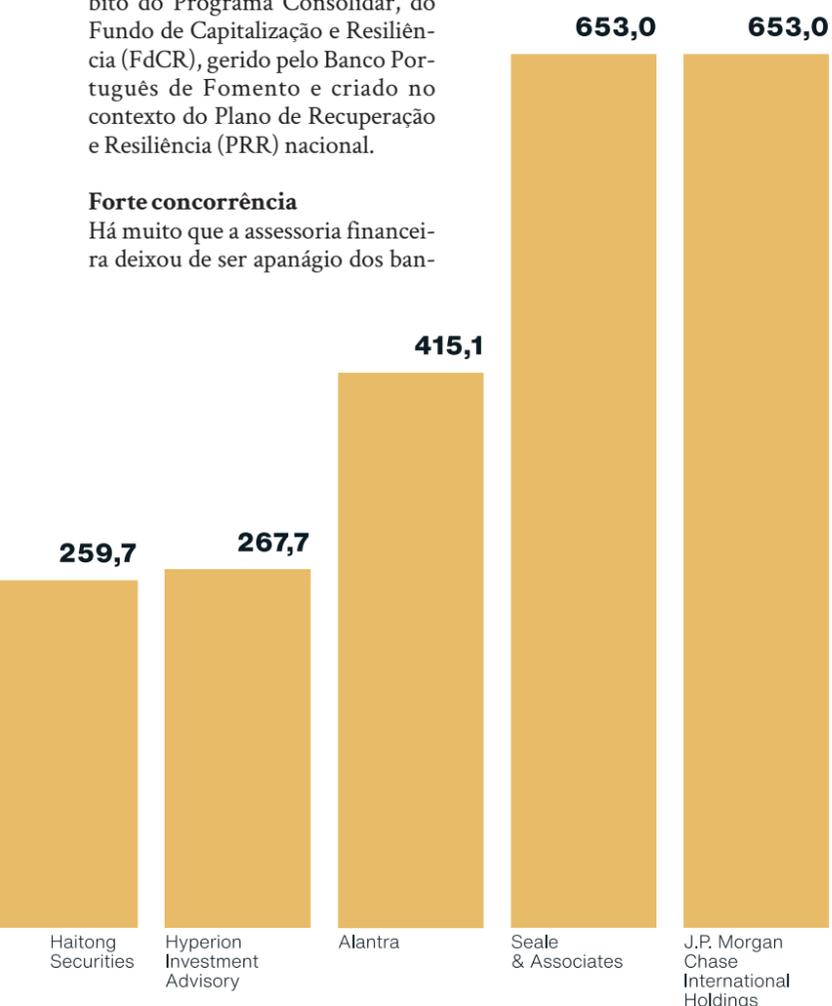
Forte concorrência

Há muito que a assessoria financeira deixou de ser apanágio dos ban-

cos de investimento. As empresas de assessoria financeira e até as grandes consultoras estão cada vez mais ativas nessa área. Basta olhar para a transação, destacada no último relatório da TTR – a conclusão da aquisição da Maxive Cybersecurity (a holding que agrega duas das principais empresas europeias de cibersegurança MSSP, a S21sec e a Excellium) à Sonae IM pelo Thales Group. Com um valor da transação de 120 milhões de euros, a operação contou com a assessoria financeira da PwC España.

A evolução da economia mundial e da sociedade tem mudado o paradigma dos negócios e das empresas. O foco numa economia centrada nas pessoas, na sustentabilidade, no ambiente tem vindo a emergir. Uma tendência que está já a ter impacto na evolução do mercado de serviços de assessoria financeira é a Responsabilidade Social. As empresas estão cada vez mais orientadas para uma procura equilibrada entre lucro e um impacto social e ambiental positivo. Basta ver alguns dos negócios que marcaram o ano. Exemplo? O pacote de financiamento certificado como “green loan” que a Finerge acaba de obter.

A Finerge concluiu no início deste mês, uma operação de refinanciamento de 2,3 mil milhões que irá acelerar a sua expansão na Península Ibérica. Nesta operação, a Finerge foi aconselhada pelo Santander CIB, Latham & Watkins, Vieira de Almeida, EY e G-advisory. Já a A Allen & Overy fez a assessoria jurídica dos financiadores, o sindicato bancário composto pelo Santander, MUFG (Mitsubishi UFJ Financial Group), ING, Natixis e BNP Paribas. ■



Infografia: Mário Malhão | mmalhao@medianove.com

moneris

Partilhamos a sua visão de futuro.



A Moneris tem uma abordagem focada no cliente, com uma oferta integrada de serviços e soluções que permite prestar às organizações um apoio de 360 graus na área da gestão, promovendo a excelência da informação financeira e a melhoria dos processos de tomada de decisão críticos para o seu sucesso.

Somos o maior grupo nacional de contabilidade e apoio à gestão, presente de norte a sul de Portugal, com uma rede de 20 escritórios sustentada por, aproximadamente, 300 consultores.

Os nossos serviços são garantidos por equipas com um profundo conhecimento em todos os setores de atividade, o que permite que cada cliente beneficie do apoio de profissionais que entendem os seus desafios e o acompanham em cada obstáculo.

Conhecer bem os nossos clientes é para nós essencial, para que possamos responder proativamente às suas necessidades.

Integramos uma das maiores redes mundiais de empresas de auditoria, contabilidade e serviços jurídicos – a MSI Global Alliance –, com presença em mais de 100 países em todo o mundo ampliando a nossa capacidade de apoiar as empresas além fronteiras.

- contabilidade e reporting
- assessoria fiscal
- recursos humanos
- corporate finance
- risco e compliance
- seguros
- formação

moneris.pt



europa
áfrica
américa
ásia
oceania

portugal

lisboa
porto
faro
aveiro
bragança

leiria
santarém
setúbal
vila real
viseu

NEGÓCIOS

Operações de assessoria financeira que marcaram 2022

Os “deals” de maior dimensão em 2022 foram a venda dos fundos da ECS Capital à Davidson Kempner, a venda do Grupo Lusíadas Saúde à Vivalto Santé; o spin-off entre a Greenvolt e a Altri e a aquisição pela Rovensa da Cosmocel.

MARIA TEIXEIRA ALVES
mtalves@medianove.com

Durante 2022 foram efectuadas diversas operações relevantes num conjunto alargado de setores, destacando-se os setores do imobiliário, energia, saúde e tecnologia.

O “deals” de maior dimensão em 2022 foram a venda dos fundos da ECS Capital à Davidson Kempner; a venda do Grupo Lusíadas Saúde à Vivalto Santé; o *asset split* da Cordex e Flex2000 entre os acionistas; o *spin-off* da Greenvolt; e a aquisição pela Rovensa do grupo mexicano Cosmocel. Nota também para as várias operações em energias renováveis, efetuadas pela EDP, Greenvolt e Galp.

O Santander em Portugal, nos primeiros nove meses do ano, assessorou um financiamento de 362 milhões para aquisição de um portfólio de parques eólicos pela Onex Holdings à EDP. O banco apoiou também a Geneng, do grupo Total Eren, refinanciando a totalidade da dívida do seu principal portfólio de energias renováveis. Na linha do papel que o banco quer ter na apresentação de soluções dinamizadoras dos objetivos de descarbonização da economia portuguesa, destaca-se a assessoria financeira aos primeiros projetos industriais que incluem o Hidrogénio Verde na sua cadeia produtiva. A nível do *Debt Capital Markets*, o banco participou na colocação de uma emissão de “Green Bonds” de 500 milhões de dólares a cinco anos para a EDP. Na área de Corporate Finance, o Santander deu assessoria à Atlantia na operação de venda da participação de 17,2% detida na Lusoponte, para a Vinci Highways e Lineas – Concessões de Transportes, subsidiária da Mota-Engil. O valor da transação foi de 55,70 milhões. Ainda em fevereiro, a biofarmacêutica portuguesa Genlbet, especializada no fabrico de material biológico para ensaios clínicos, foi adquirida pela multinacional Recipharm, que faz desenvolvimento e produção de medicamentos. Também nesse mês é anunciada a venda das rádios do grupo Media Capital aos alemães da Bauer Media Audio por mais de 69 milhões.

Em novembro foi notícia que a Caixa Geral de Depósitos passou os quase 95% de ações que tinha no Caixa Banco de Investimento (CaixaBI) para a Caixa Participações, que gere as posições do grupo noutros bancos internacionais como Brasil, Macau e Moçambique. Em 2022 o Caixa BI assessorou 30 operações, essencialmente ligadas à emissão de obrigações de empresas e de opera-

ções de refinanciamento. Nomeadamente o empréstimo obrigacionista de 35 milhões da Greenvolt, com maturidade em 2025.

O Caixa BI, tal como o Santander, assessorou o *spin-off* da Greenvolt. Em março, o grupo Altri decidiu avançar com o processo de separação dos negócios de pasta e energias renováveis, deixando a Greenvolt de ser consolidada nos resultados anuais da Altri. A Caixa BI atuou como assessor e agente pagador da operação, com um valor de 356,1 milhões de euros.

Já o Millennium BCP Investment Banking conta com sete operações de assessoria financeira este ano. Entre eles o financiamento de dois parques eólicos da Onex Holding, uma operação de 361,2 milhões. Recorde-se que em janeiro a Onex Renewables comprou um portfólio de ativos eólicos pertencentes à EDP Renováveis (EDPR) por 530 milhões de euros. A carteira de ativos engloba cinco parques eólicos, três dos quais já em operação.

O BCP também foi *joint lead manager* da emissão de dívida verde da EDP no valor de 1.250 milhões.

O ano começou com a Howden M&A a assessorar o grupo francês Icade Santé na aquisição do portfólio SaúdeInveste à seguradora Fidelidade. Tratou-se da compra de 100% de um Fundo de Investimento Imobiliário detentor de um portfólio de ativos imobiliários que inclui os hospitais Lusíadas. O valor deste negócio ascendeu a 213 milhões de euros.

Em fevereiro de 2022 deu-se a conclusão da venda pela Atlantia, de participação de 17,21% na Lusoponte, para a Vinci Highways e Lineas – Concessões de Transportes, subsidiária da Mota-Engil. O valor da transação foi de 55,70 milhões. Ainda em fevereiro, a biofarmacêutica portuguesa Genlbet, especializada no fabrico de material biológico para ensaios clínicos, foi adquirida pela multinacional Recipharm, que faz desenvolvimento e produção de medicamentos. Também nesse mês é anunciada a venda das rádios do grupo Media Capital aos alemães da Bauer Media Audio por mais de 69 milhões.

A demonstrar que os bancos de investimento continuam a ter um papel importante na assessoria financeira o BCP foi o escolhido pela Fundação Oriente no processo competitivo de venda do Banco Português de Gestão (BPG) em curso.

Em julho foi noticiada a venda



Bloomberg

Durante 2022 houve diversas operações relevantes num conjunto alargado de setores, destacando-se os sectores imobiliário, energia, saúde e tecnologia

do Grupo Lusíadas Saúde pela norte-americana United Healthcare aos franceses da Vivalto Santé. O assessor financeiro do vendedor do grupo Lusíadas foi o Bank of America em Madrid. Também em julho, o Emerald Group, através de uma sociedade denominada de Media9Par anuncia a compra do Jornal Económico e do semanário Novo.

A transação em julho de 2022 destacada pelo TTR foi a aquisição da Smart Studios pela Round Hill Capital. O valor da transação é de 200 milhões de euros.

Em agosto deu-se a aquisição de 100% da KREP Portugal – SICAFI, proprietária do complexo imobiliá-

rio Lx Factory (que pertencia ao grupo francês Keys), pela *joint-venture* constituída pelo o Grupo Arié, o Europi Property Group e a Bedrock Capital. Os compradores foram assessorados pela Morais Leitão, CBRE, EY e Howden M&A, enquanto os advogados da Garrigues atuaram do lado do vendedor.

Também em agosto, o grupo francês Tessi, que opera no ramo de Business Process Services (BPS), anunciou a aquisição da empresa portuguesa Vilt, uma consultora tecnológica especializada na transformação digital. Ainda em agosto, a Sonae Sierra e o Bankinter anunciaram a compra do edifício do Atrium Saldanha, em Lisboa, mantendo o grupo vendedor Fibeira, de Armando Martins, 20% da nova sociedade resultante do negócio.

Em setembro, a Vodafone Portugal anunciou a aquisição de 100% do capital social da Cabonitel, holding da Nowo Communications.

Em outubro, a Sevenair Academy concluiu a aquisição de todos os ativos aeronáuticos da norte-americana L3Harris Technologies, localizados em Portugal.

Já em novembro, o acordo de parceria estratégica entre os CTT e o grupo segurador Generali/Tranquilidade contou com a assessoria financeira de casas internacionais. A Rothschild & Co atuou como assessor financeiro dos CTT e do Banco CTT. Já a Tranquilidade e o Grupo Generali foram assessorados pela Arcano Partners. Também em novembro ocorreu a aquisição da tecnológica portuguesa Do iT Lean por parte do grupo alemão Valantic. A assessoria ao negócio do sector tecnológico envolveu a WhatEver Consulting Group e a EY.

Em novembro ainda, a Atena Equity Partners concretizou a entrada na maioria do capital da Science4you, empresa portuguesa líder em brinquedos educativos e científicos. O mês de novembro fechou com a Ibersol a anunciar a conclusão da venda dos restaurantes Burger King em Portugal e Espanha à Restaurant Brands Iberia (RBI) por 260 milhões. O Haitong Bank foi o assessor financeiro da Ibersol SGPS no negócio. Ainda em novembro falha a tentativa de venda da Efacec à DST, que estava a ser assessorada pelo Haitong. O processo é retomado e tem a Deloitte como assessora financeira.

Já em dezembro, a britânica Ardonagh anunciou que a sua subsidiária Ardonagh concluiu a aquisição do grupo MDS à Sonae. ■



JE TALKS

Prioridade deve ser “análise, gestão e mitigação de risco”

Há uma necessidade de reestruturar e redesenhar os modelos de negócio, admite João Nunes, da Moneris, mas as empresas devem entrar em 2023 com cautela e prudência. Digitalização “é um comboio” que não espera por ninguém.

JOÃO SANTOS COSTA
jcosta@medianove.com

As necessidades das organizações na área da assessoria financeira ainda se prendem aos efeitos que alastraram da pandemia. Apesar de 2022 ter sido um ano de algum dinamismo em certos sectores, 2023 aproxima-se e a palavra de ordem será prudência, avisa o Assistant Manager da Moneris, João Nunes.

Empresas devem focar-se na “análise, gestão e mitigação do risco”, mas não podem perder “o comboio” da transição digital, salienta mesmo.

Além destes, Nunes aponta outros factores que têm vindo e continuarão a impactar tanto a prestação dos serviços aos clientes como a regulação que as consultoras devem ter nessa prestação. É o caso do “processo inflacionário” e a escalada das taxas de juro. “Prevê-se que o Banco Central Europeu, na sua reunião de dezembro, vai voltar a subir as taxas de juro de referência”, recorda. A somar a isto, o conflito na Ucrânia, que pesa na cadeia de valor e na toma-

da de decisão das organizações.

“Com este cenário e estas variáveis, o ponto fulcral, importante, da parte das consultoras, mas também da parte das empresas, será a gestão, a análise e a mitigação do risco associado às suas atividades e transações”, destaca. E essa gestão de risco será feita “não só na dimensão financeira, propriamente dita, mas também noutras, como a legal ou jurídica”.

Na mesa estão questões regulatórias que se impõem em alguns sectores de atividade, explica. Mas em foco estão também questões ambientais, que exigem abordagens de “uma equipa multidisciplinar”.

Receio pode ser oportunidade

João Nunes antecipa também que em 2023 e 2024 vamos assistir “a algumas economias âncora que vão crescer muito pouco ou entrar num cenário de estagnação”, algo que, diz, vai impactar as empresas nacionais independentemente da sua dimensão.

Mas nem todo o cenário é sombrio. “Isto deve ser visto, de facto, como uma oportunidade”, realça.

Transição digital “é um comboio que todos vão ter que apanhar, ao qual não podem fugir, e que não chega atrasado”, considera o Assistant Manager da Moneris, João Nunes



Assista a esta talk na plataforma multimédia JE TV, em www.jornaleconomico.pt

“É uma oportunidade de repensar o negócio, de repensar as metodologias e as práticas adotadas, de certa forma. Essa ponderação deve ser um momento introspectivo e todas as empresas deverão fazer uso dele” - inclusive as consultoras e firmas do sector da assessoria financeira, garante.

Um comboio que não espera por ninguém

E essa transformação, acrescenta, tem sido catapultada por alguns transformações inadiáveis ou incontornáveis. “Nomeadamente, esta transição digital a que temos assistido (...) Quase que somos obrigados a repensar a nossa relação com o cliente, a nossa relação com os demais *stakeholders*. É um comboio que todos vão ter que apanhar, ao qual não podem fugir, e que não vem atrasado”, sublinha João Nunes.

O trabalho interno, explica, será ajudado pelos profissionais e pelas consultoras, mas há sobretudo que capacitar as organizações do ponto de vista da análise e tomada de decisão, realça. E são as PME as que mais se arriscam. “Falando da es-

magadora maioria das empresas que compõem o nosso tecido empresarial, essas terão que ter alguns cuidados com a questão do endividamento excessivo e não perder o tal comboio. O comboio da digitalização, da transição energética, da sustentabilidade, etc”.

Esses novos desígnios são “neste momento preocupações que essas pequenas empresas estão já a ter, por imposição das grandes empresas”, diz.

“Porque as grandes empresas são clientes de um tecido empresarial com uma dimensão mais reduzida e estão a impôr e estão a pedir uma série de elementos que lhes permitam cumprir com as metas a que se comprometeram”

São realidades que segundo o profissional da Moneris “rapidamente vão ser transversais” a todo o tecido empresarial, “não só por imposição legal”, mas por essa influência dos grandes *players*.

E esse, sublinha, será também um desafio “não só para a assessoria financeira, mas para a consultoria em geral”. O desafio de “capacitar empresas de menor dimensão para esse desiderato”. ■ Com TGP

FÓRUM

PRR em 2023 pode ser catalisador da assessoria financeira em Portugal

O final do 1º semestre de 2022 foi marcado por um arrefecimento do mercado de transações devido ao contexto geopolítico e económico. Mas para 2023 é esperado dinamismo da atividade de M&A no segmento de mid-market.

Quais foram os negócios de assessoria financeira mais expressivos de 2022 e o que espera para 2023?



MARCO LOURENÇO
Administrador
Executivo do CaixaBI

O contexto de grande incerteza verificado em 2022, fruto das dificuldades nas cadeias de abastecimento internacionais e, particularmente, do confronto na Ucrânia, que levou ao disparar dos custos energéticos e a fortes disrupções no comércio alimentar, afetou naturalmente a economia mundial e, particularmente, a europeia. A forte pressão inflacionista que daí resultou, que por sua vez impeliu o BCE a aumentar as taxas de juro, impactou fortemente a base de custos das empresas, particularmente nos setores energia-intensivos como o industrial, levando a um posicionamento estratégico (em termos de planos de investimento) mais defensivo, particularmente desde o verão. Não obstante, alguns setores em Portugal demonstraram a sua resiliência e atratividade, sendo de destacar várias operações em energias renováveis, como sejam as efetuadas pela EDP, Greenvolt e Galp; a aquisição pela Rovensa do grupo Mexicano Cosmocel; e a aquisição da Lusíadas Saúde pelo grupo Vivalto Santé. Para 2023 estima-se um início de ano cauteloso ao nível de transações de F&A (fusões e aquisições), ao manterem-se os riscos relacionados com a guerra na Ucrânia, os elevados custos energéticos e o contexto de financiamento mais exigente, tudo isto num contexto potencialmente recessivo da economia europeia. No entanto, espera-se que a implementação do PRR em Portugal seja um importante catalisador para a atividade de F&A em Portugal em 2023, sendo de realçar a importância da operacionalização dos 500 milhões de euros do Programa Consolidar distribuídos a 14 sociedades de capital de risco, que seguramente dinamizarão processos de consolidação e expansão empresarial, com foco no segmento mid-market. Adicionalmente, e em termos setoriais, será previsível a manutenção da dinâmica transacional nos setores que mais têm simbolizado a aposta na sustentabilidade, como seja o

renovável/transição energética, tecnológico (com a crescente aposta na digitalização), saúde e agro-alimentar. Por último, não é de excluir a possível ocorrência de operações de relevo nos setores das telecomunicações, bancário e imobiliário, para além da concretização de algumas operações de privatização.



ACÁCIO MATOSO REGO
Head of Corporate Finance & Financial Sponsors do Santander Corporate & Investment Banking em Portugal

Em 2022 notou-se um arrefecimento na atividade de M&A (fusões e aquisições) em Portugal com o prolongamento da guerra na Ucrânia, os elevados níveis de inflação/preços de energia e, especialmente, à medida que as decisões de política monetária dos bancos centrais se foram refletindo na economia real, nomeadamente com o grande aumento das taxas de juro a partir do mês de Setembro. O arrefecimento foi sobretudo visível ao nível das transações de M&A de grande dimensão em Portugal, já que assistimos durante este ano a um grande dinamismo e atividade de M&A no segmento de mid-market. Neste contexto, destacamos como *deals* de maior dimensão em 2022, a venda dos fundos da ECS Capital à Davidson Kempner, a venda do Grupo Lusíadas Saúde à Vivalto Santé num processo muito competitivo, o *asset split* da Cordex e Flex2000 entre os acionistas, e o *spin-off* entre a Greenvolt e a Altri – negócios, note-se, que se realizaram sobretudo nos primeiros 8 meses do ano. Para 2023, apesar da incerteza quanto ao cenário macro, esperamos um continuado dinamismo da atividade de M&A no segmento de mid-market. Em termos de operações de maior dimensão, devem continuar a observar-se operações pontuais de rotação de ativos e capital nos setores de infraestruturas de Energia/Renováveis, Utilities e TMT, algumas das quais já em execução ou em pipeline.



NARCISO MELO
Head of Corporate Finance do Banco Finantia

O ano de 2022 tem sido único nos mais diversos níveis. Temas como a forte recuperação económica pós-pandemia, os impactos ao nível das cadeias logísticas, a guerra na Ucrânia, a inflação, o aumento das taxas de juro e dos preços dos fatores de produção, o possível ajustamento no mercado imobiliário, os fundos e aplicação dos mesmos do Plano de Recuperação e Resiliência, entre outros têm dominado as notícias, e em Portugal, não é exceção. Temos assistido a um clima de volatilidade nos mercados e de incerteza económica que contrasta com as expectativas de recuperação e de níveis record de transações em 2021. Em Portugal, e em termos de fusões & aquisições, a dinâmica tem sido colocada ao nível do posicionamento e crescimento dos ativos. Se o ativo em questão tiver uma posição de destaque no seu sector e bons business fundamentals, a nossa experiência mostra-nos uma transação bem-sucedida ainda que com mais tempo de execução e análise. A liquidez existente e a concorrência entre investidores tem levado à crescente procura de *proprietary deals*. As Private Equities nacionais e internacionais aqui têm assumido um papel preponderante a este nível, quer pelo dinamismo quer pela criatividade das soluções que trazem. No entanto, esta agilidade está a ser colocada à prova com o aumento dos custos de financiamento, maior conservadorismo dos níveis de alavancagem e inerente impacto nas avaliações. Não procurando ser exaustivo, mas os setores em destaque durante o presente ano vão desde as renováveis, a transição energética, a energia, a saúde, o IT, as infraestruturas, entre outros. As reorganizações de portfolios de negócios e vendas de ativos non-core voltaram a ser destaque, além da aquisição de competências e negócios fundamentais que não se tinham até à data. Em suma, uma riqueza inquestionável de cenários e transações. A incerteza trouxe consigo alguns adiamentos, mas para 2023 esperamos um primeiro semestre dinâmico com o lançamento de vários processos de venda. Estamos com algum otimismo ainda que cautelosos.



MIGUEL FARINHA
Partner EY, Head of Strategy and Transactions

Se no primeiro trimestre de 2022 estávamos a sair de uma pandemia que afetou diversos setores globalmente e havia a expectativa de que a recuperação seria rápida com a alteração de modelos de negócio, todas as previsões foram alteradas após o início da invasão da Ucrânia, com o impacto imediato no preço da energia e na imprevisibilidade que trouxe à Economia. Ainda assim, os investidores e empresas continuam com um saudável apetite por operações de aquisição e de fusão. Com base na informação mais recente da base de dados TTR, a EY esteve envolvida em mais de 50% das transações efetuadas em Portugal, entre janeiro e outubro de 2022, com enfoque na assessoria financeira e em *due diligence*, o que nos permite avaliar que os mercados do Imobiliário e da Tecnologia são os que mais procura tiveram. Dos cerca de 2 mil milhões de euros de transações que a equipa de Transações da EY esteve envolvida, muitas foram de investidores estrangeiros que se procuram estabilizar em Portugal, mas também de vários investidores estratégicos que tentam ganhar quota de mercado através da aquisição de ativos concorrentes. Para 2023, apesar de ser um ano necessariamente marcado pelo aumento da inflação, pela discussão em torno das taxas de juros bancárias e pela questão energética (muito importante para a Indústria), prevemos que o mercado de M&A continue a demonstrar a sua resiliência com a continua procura por ativos em Portugal, por via de investidores estrangeiros, mas igualmente com um mercado nacional de capital de risco particularmente ativo em função do atual *dry powder* disponível. Obviamente que num contexto macro recessivo, teremos igualmente empresas a entrar em processos de reestruturação financeira e que vão procurar novos investidores para as suas atividades.



JOÃO NUNES
Assistant Manager da Moneris

As empresas enfrentaram enormes desafios e enfrentaram uma quantidade inusitada de mudanças nos últimos anos, e tal verificar-se-á também em 2023. Os consequentes efeitos da pandemia global, conflito militar na Ucrânia, desafios económicos e sociais, bem como um desenvolvimento cada vez mais rápido de tecnologias e sistemas associados, obrigaram, e obrigam, empresas e organizações a rapidamente adaptarem-se a novos, diferentes e diversificados contextos. Tal tem impactado a atuação no setor da consultoria, não só na vertente da assessoria financeira, mas também na necessidade das consultoras deverem prestar um serviço multidisciplinar integrado, dando assim resposta a necessidades várias dos seus clientes em áreas tão diversas, mas com objetivo e finalidade comuns, como sejam os desafios da transformação digital, resposta ao processo inflacionário e insegurança nas cadeias de abastecimento, sustentabilidade e governance, foco no cliente e gestão de pessoas. São estas, portanto, as atuais e futuras tendências que maior impactam a atuação e forma como se posicionam as consultoras. No ano de 2023 não será diferente. Alarga-se assim o âmbito de atuação das empresas de consultoria, pois só assim estas conseguirão dar respostas mais ágeis e integradas, indo ao encontro das necessidades imediatas de empresas e organizações e com o objetivo de melhor as capacitar a enfrentar de forma robusta os desafios presentes e futuros. Tal verificou-se no ano de 2022, sendo uma tendência em 2023, tendência essa que permitirá, também, prestar um serviço de maior valor acrescentado, o que tem vindo a ser percebido pelas empresas e organizações. Notar que todos os desafios acima elencados, transversais a qualquer empresa ou organização, de maior ou menor dimensão, conduzem a múltiplas variáveis, pelo que é necessário estabelecer um caminho objetivo para garantir a sustentabilidade do seu core business, e impactam,

decisivamente, os seus objetivos financeiros. Impõe-se, portanto, priorizar a definição de adequadas políticas e estratégias ao nível do investimento, da liquidez, do financiamento ou dos modelos operacionais e de governance. E estes, são também os desafios que se impõem, cada vez mais, às consultoras e respetiva assessoria, sendo que as mesmas devem ser dotadas de equipas multidisciplinares para que, assertivamente, possam responder a todos estes desideratos. Assim, e só assim, empresas e organizações suas clientes estarão melhor dotadas e capacitadas para tomarem as melhores decisões garantindo a continuidade das suas atividades, mantendo-se solventes e robustas, nas perspetivas operacional, económica, financeira e de tesouraria. Saibamos, todos, estar à altura dos desafios!



CELSE FERNANDES
Director, Advisory Services
da Mazars Portugal

Em termos de assessoria financeira na Mazars, o exercício de 2022 apresentou uma componente mais vincada ao nível dos serviços de avaliação de empresas, operações de M&A e projetos de investimento em sectores que se revelaram mais resilientes em contexto pandémico. Contudo, o segundo semestre de 2022 foi marcado por alguma contenção por força dos aspetos conjunturais, designadamente, a guerra na Ucrânia, a escassez de matérias-primas, a crise energética, o escalar da inflação e o aumento das taxas de juro. Com a perda de poder de compra por parte das famílias e o aumento expressivo dos custos de produção (além da escassez) para as empresas, é natural que as perspetivas para 2023 apontem para um desacelerar da economia. Dada a existência de liquidez e de oportunidades, o mercado de fusões e aquisições deverá continuar dinâmico, mas mais seletivo, direcionado para targets (i) capazes de manter níveis de cash-flows estáveis, (ii) hábeis em preservar rentabilidade apesar dos efeitos da inflação e (iii) menos expostos a dívida. Do rol de sectores alvo deverão constar a energia, lazer, hotelaria e imobiliário. Em 2023 espera-se uma alteração na configuração dos trabalhos de assessoria financeira, ganhando maior preponderância os trabalhos de reestruturação e recuperação de empresas – no contexto das mais alavancadas – bem como a consultoria em investimentos, com o suporte dos fundos europeus – designadamente do PRR e do Portugal 2030. Na vanguarda dos motores de investimento e desenvolvimento estarão certamente a digitalização, inovação, qualificação, transição climática e sustentabilidade.



SANDIE COSTA
Advisory Partner
da PwC

2021 foi um ano recorde na Península Ibérica (e no mundo) quer em volume quer em valor das transações, uma tendência que perdurou no primeiro semestre de 2022. O final do primeiro semestre de 2022 foi marcado por um arrefecimento do mercado de transações, devido ao novo contexto geopolítico e macroeconómico, fruto da escassez de matérias-primas, das disrupções nas cadeias logísticas e da política monetária expansionista que, amplificados pela incerteza geopolítica e pela crise energética desencadeadas pela invasão da Ucrânia pela Rússia, geraram inflação e obrigaram os bancos centrais a aumentar as taxas de juro e a reduzir a liquidez. As limitações acrescidas no acesso ao crédito e o aumento da imprevisibilidade dificultam a convergência de expectativas entre vendedores e compradores. Para dirimir as diferenças de valorização, são cada vez mais frequentes mecanismos de earn-out ou outras soluções inovadoras ao nível dos mecanismos de preço. No final de 2022, muitas transações ficaram *onhold* ou atrasaram. Espera-se que 2023 arranque abaixo dos anos anteriores, mas, face à abundância de capital ainda existente, que haja uma recuperação no fluxo transaccional. Os *hot sectors* de 2022, deverão manter-se em 2023, nomeadamente: Energia, de forma a garantir a independência energética, maior eficiência e cumprimento dos objetivos de descarbonização; TI, devido à crescente digitalização e maiores necessidades de processamento, análise e proteção de dados; imobiliário/ hotelaria, visto que Portugal continua a ser atrativo para capital estrangeiro; e saúde pela sua resiliência mesmo em situações de crise. Apesar dos desafios, acreditamos que existe um ambiente económico favorável ao mercado de Transações em Portugal, não só pela maior dinâmica dos players nacionais como pelo crescente interesse de investidores estrangeiros.



INÊS GIL DE BARROS
CEO
Moss & Cooper

Ainda a recuperar da crise da Covid-19 fomos confrontados com outra ameaça que veio abalar todos os sectores a nível mundial; a Guerra na Ucrânia, que para além de causar uma grande instabilidade política e económica, trouxe consigo a inflação associada ao comércio e

monopólio Russo do petróleo e gás para muitos países europeus, nomeadamente da Europa Central. Este aumento dos combustíveis e do preço da energia, assim como as sanções e limite imposto pela União Europeia, levou ao aumento dos bens de primeira necessidade e de serviços, e a um aumento das taxas de juro por parte dos Bancos Centrais. Por conseguinte, o setor energético, acabou por criar um efeito dominó negativo em todos os setores, que se encontravam ainda a recuperar da Pandemia. Mesmo com estes desafios, a nossa economia viu alguns bons resultados nos setores do Turismo e da Indústria, setores que procuram a consultoria pelas suas necessidades de crescimento e expansão, uma vez que se viram muito afetados pela Covid-19 e, directa ou indirectamente, pelo conflito na Ucrânia.

No que se refere ao Turismo, a consultoria foi uma excelente colaboradora no desenvolvimento da oferta turística face ao entorno geral. A nossa consultoria a empresas deste setor focou-se numa análise da procura, cada vez mais exigente e sofisticada, e da oferta. Entre o desenvolvimento de Planos de Negócio, Estudos de Mercado e Planos de Marketing, criámos diversos mecanismos de resposta para cenários futuros e desafiantes que possam vir a surgir e impactar novamente este e outros setores.

A Indústria historicamente é e continuará a ser um dos grandes motores da economia e a tentar lidar com todas as alterações ao mercado, as empresas do setor cada vez mais procuram o nosso apoio, com uma necessidade cada vez mais crescente de inovar no seu processo produtivo, por forma a elevar a sua resiliência e diferenciação no mercado.

A perspetiva para 2023 é que o nosso trabalho venha a ser cada vez mais relevante na actividade das empresas, permitindo que as mesmas se foquem nas áreas core dos seus negócios, invistam mais na exportação e na diferenciação contínua da oferta, disponibilizando ao mercado produtos/serviços de elevado valor acrescentado. Enquanto nós criamos metodologias e estratégias para acesso ao financiamento, apostamos na formação certa para as empresas e sobretudo na inovação, um fator chave para garantir a competitividade das PME portuguesas, assim vamos contornar as condicionantes e garantir o crescimento das empresas num mercado cada vez mais competitivo.

No que diz respeito à aplicação dos Fundos Europeus, estamos preparados para dar um apoio de 360° às empresas, apoiando-as desde a comunicação dos enquadramentos certos para cada perfil empresarial, até à definição de projetos promissores, passando pelo aconselhamento dos incentivos e financiamentos disponíveis para a sua concretização. Perante o cenário que se apresenta, 2023 será realmente o ano das Consultoras provarem o seu valor, a nossa equipa está pronta para o receber! Venha de lá esse Novo Ano, desejamos Boas Festas a todos os Queridos leitores!

Desmistificando os Fundos Europeus-Portugal 2030



Luisa Franco
DIREÇÃO DE FUNDOS
E INVESTIMENTO

Começando por fazer uma reflexão sobre os últimos tempos, o que são os Fundos Europeus? São instrumentos de financiamento aprovados por legislação da União Europeia que promovem várias ações com o objetivo último de reforçar e dinamizar a economia.

São cada vez mais poderosos instrumentos que fomentam o crescimento do nosso país, melhorando a

competitividade da economia portuguesa, atuando em pilares como a qualificação e formação, inovação e conhecimento, sustentabilidade e transição climática.

As empresas que ainda estão a recuperar da Covid19 com uma grande retração ao investimento, precisam de aceitar que esse investimento é determinante na criação de mecanismos de recuperação e modernização, de forma a adaptarem-se à atual e futura conjuntura económica.

Desta forma, os mecanismos de resiliência consubstanciam-se em investimentos de capacitação interna, no aumento da capacidade produtiva, internacionalização, qualificação dos profissionais, entre outros, sendo que os Fundos Europeus são uma ferramenta necessária e até fundamental para apoiar diretamente as empresas nestas valências.

O novo acordo de parceria entre Portugal e a Comissão Europeia é executado através do Programa Portugal 2030, programa que sucede ao Portugal 2020. Este, está programado em 5 objetivos estratégicos da União Europeia: uma Europa mais inteligente, mais verde, mais conectada, mais social e mais próxima dos cidadãos.

É notória a tendência crescente de procura destes fundos pelas empresas, especialmente pelas PMEs, sendo que se evidencia uma clara falta de informação sobre este instrumento, tornando-o muitas vezes falsamente inacessível. Assim, a Moss&Cooper, com muitos anos de sucesso na consultoria de Fundos Europeus, vai iniciar os webinars informativos e de esclarecimento das várias valências deste instrumento, apostando também em variados workshops sobre o tema.

Esta iniciativa verá o seu início no próximo ano, com o grande objetivo de simplificar todo o processo inerente a uma candidatura aos fundos, dando a conhecer a todo o tecido empresarial e outros stakeholders, todas as etapas essenciais que os beneficiários devem cumprir para se candidatarem aos instrumentos financeiros do Portugal 2030.

Na nossa empresa qualquer processo de candidatura começa com a definição de um projeto e dos seus objetivos por parte da entidade beneficiária. Verificámos que as empresas necessitam do nosso apoio logo nesta fase, naquela que é a definição do projeto, e adaptámos o Service Design para os clientes através de uma equipa experiente, com sucesso comprovado, com a criação de cada projeto definida pela procura em vez de se focar na oferta.

A Moss&Cooper simplifica todo o processo de candidatura de forma a que, progressivamente se torne mais claro e acessível a todos os tipos de empresa, desmistificando este instrumento crucial para a competitividade do nosso tecido empresarial.

A Todos, Boas Festas.



Já nas bancas

Poder, Fortuna, Sucesso. Está tudo aqui.

DOSSIER: AVIAÇÃO NOS PALOP + O PITCH DE ARMANDO SCOTT + O RANKING DOS BILIONÁRIOS CHINESES + A VOZ ACTIVISTA DE MAGDA ROBALO + AS MARCAS DE EXCELÊNCIA DA SUPERBRANDS + O SOM DE MILTON GULLI

ANGOLA Superbrands 2022 CORPORATE

Forbes

África Lusófona

SALIMO ABDULA
PRESIDENTE DA CE - CPLP
"QUEREMOS A LIVRE CIRCULAÇÃO DE PESSOAS, BENS E CAPITAIS PARA CRIARMOS UM AMBIENTE PROPÍCIO À INTEGRAÇÃO EMPRESARIAL"

O DESEAFIO ECONÓMICO DA CPLP
A SEXTA MAIOR ECONOMIA DO MUNDO

WWW.FORBESAFRICALUSOFONA.COM - ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, GUINÉ-EQUATORIAL, MOÇAMBIQUE E SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE | EDIÇÃO SETEMBRO/OUTUBRO 2022 €5,90

61611 727709 5 1607727 191818 20000



LEIA NO SEU
TABLET OU
SMARTPHONE



VISITE-NOS
TAMBÉM
NAS NOSSA
REDES SOCIAIS

@forbesafricalusofona

www.forbesafricalusofona.com

A Forbes África Lusófona está também *on-line*. Fique a saber em primeira mão os temas que estarão em destaque na próxima edição e para assinar a revista com condições exclusivas.